

OS TIPOS DE LEITORES DA ATUALIDADE: SABERES NECESSÁRIOS PARA UM ENSINO DE LEITURA OPERACIONAL

(Autora) Elaine Cristina dos Santos¹; (Co-autor) Maria Amélia Silva Santos² (Orientadora) Ada Augusta Celestino Bezerra.

Universidade Tiradentes- UNIT www.unit.br

RESUMO

Percebe-se que o procedimento de leitura pelo aluno deva ser um trabalho pedagógico permanente no cotidiano escolar. A aplicabilidade dessa atitude sócio pedagógica tende a desenvolver habilidades concernentes à formação integral do educando de qualquer nível de ensino. Entretanto, propiciar o gosto pela leitura ainda é um desafio a ser alcançado pela maioria dos professores da atualidade. Diante desse fato, o presente artigo é justificado pela carência de uma melhor condução dos estudos de leitura com base nas características dos leitores. O artigo a seguir objetiva apresentar quatro tipos de leitores: o leitor contemplativo, o movente, o imersivo e o ubíquo e como este estudo propende contribuir para o enriquecimento de aprendizagens relacionadas à leitura. A metodologia utilizada no estudo está fundamentada na pesquisa descritiva com uso do procedimento de levantamento bibliográfico. O presente trabalho traz como resultados as reflexões sobre a relevância da percepção do professor em distinguir quais tipos de leitura que seu aluno domina ou se identifica, e, a partir desta constatação, realizar trabalhos textuais significativos em sala de aula. Ainda verificamos que o sistema de educação ainda não conseguiu entender na sua totalidade esses tipos de leitores e, portanto, não obteve sucesso em aprendizagens que envolvem leituras, ações pedagógicas cruciais para o desenvolvimento crítico e intelectual do indivíduo.

Palavras-chave: Alunos, Leituras, Professor, Tipos de leitores.

ABSTRACT

It is noticed that the reading procedure by the student must be a permanent pedagogical work in the school routine. The applicability of this socio-pedagogical attitude tends to develop abilities concerning the integral formation of the learner of any level of education. However, fostering a taste for reading is still a challenge to be achieved by most teachers today. Given this fact, the present article is justified by the lack of a better conduction of reading studies based on the characteristics of the readers. The following article aims to present four types of readers: the contemplative reader, the moving, the immersive and the ubiquitous, and how this study tends to contribute to the enrichment of learning related to reading. The methodology used in the study is based on the descriptive research using the bibliographic survey procedure. The present work brings as results the reflections on the relevance of the teacher's perception in distinguishing what types of reading that his student dominates or identifies, and, from this observation, to carry out significant textual works in the classroom. We still verify that the education system has not yet been able to fully understand these types of readers and, therefore, has not been successful in learning that involves reading, pedagogical actions crucial to the critical and intellectual development of the individual.

Keywords: Students, Readings, Teacher, Types of readers.

INTRODUÇÃO

Mesmo com o transcurso dos séculos, a leitura ainda é uma necessidade básica do estudante. Nunca houve uma urgente necessidade de formação de leitores nas escolas, pois as escolas da era contemporânea frisam constantemente a habilitação de sujeitos caracterizados como leitores e escritores.

Essa capacidade ler com propriedade interpretativa, permeada de senso de criticidade sobre a leitura, que conseqüentemente levará o leitor ao domínio das práticas de escrita nunca foi tão importante na realidade atual, pois a sociedade brasileira é extremamente carente de leitores por variados fatores.

Segundo Saraiva e Müge (2006), podemos observar esses reflexos da falta de leitura e suas práticas operacionais o aluno, egresso da escola, já pretendente de imersão no mercado de trabalho, ao se deparar com concursos, provas de ENEM, vê-se despreparado para tais atividades pelo simples fato de não conseguirem entender com domínio os textos e até as questões dos exames. Isto é, a carência de leitura implica em insucesso na vida futura dos estudantes.

Essa questão de leitura e poder estão explícitos desde os tempos mais remotos: Na idade média tínhamos um leitor meditativo de um texto, ou uma figura fixa. O primeiro tipo de leitor é o contemplativo-meditativo, este é da idade pré-industrial, o leitor que se identifica com o livro impresso, com a imagem. O segundo é o leitor em movimento, dinâmico, do mundo híbrido; um leitor ligado a revolução industrial, do começo dos grandes centros urbanos. O terceiro é o leitor imersivo virtual, que começou a surgir nos espaços da virtualidade. O quarto leitor é o leitor ubíquo que nasce do leitor movente com o leitor imersivo (SANTAELLA, 2013).

Estaremos aprofundando essas qualificações de leitores com mais profundidade neste trabalho, em virtude das circunstâncias atuais da lacuna existente de adequadas práticas de leituras nas escolas. Objetivamos compreender melhor que tipo de aluno(leitor) temos nas nossas salas de aulas e, partir desse estudo, volver nosso trabalho de leitura de forma mais adequada para os educandos, posto que cada um possui

personalidades e gostos diferenciados, fatores que não devem ser negligenciados pelos educadores que desejam formar leitores plenos, críticos e protagonistas de seus saberes.

2. Breve estudo sobre leituras e tipos de leituras

A leitura pode ser considerada como uma atividade pedagógica integradora de saberes e que, com base nesse princípio, ocupe espaços nas atividades de todas as disciplinas, em conformidade com Kleiman e Moraes (2007, p.16) conversando sobre a crise de leitura no Brasil:

Um dos equívocos é considerar que a leitura é território do professor de língua. O trabalho sobre o ensino de leituras devem ser acessíveis e relevantes a outros professores. Esses trabalhos enfocam em profundidade questões sobre linguagem nem sempre importante para os demais professores que, no entanto, precisam intervir e tomar decisões didáticas quando se deparam com alunos que não compreendem o que leem.

Se a escola deseja formar leitores operantes, devem começar a inclinar seu olhar para o currículo e a interdisciplinaridade da leitura. Assim, mediante ao grau de importância que constitui o ato de ler com competência, podemos iniciar esta seção com o conceito de leitura, fundamentados nos teóricos.

Borba (2011, p. 835) informa que leitura é “ato de ler; interpretação[...]”. Já Araujo et al (2009, p. 2) diz que:

Ler é uma atividade que requer concentração e prazer. É explícito na esfera escolar[...] caminho que dá acesso ao processo de compreensão textual. [...] Ler é muito mais do que extrair a significação de um texto. Assim, a leitura está embutida em todas as experiências vivenciais e cobra do leitor a sua percepção e sensibilidade. Percebe-se então que a leitura é a compreensão do texto a partir do momento em que o indivíduo transita do ângulo superficial para a visão crítica, ultrapassando os limites do texto, lendo assim o que aparece nas entrelinhas.

Os autores apresentam não só conceito do que seja leitura, mas também entram na dimensão do letramento, competência adquirida através também da prática de leitura operacional, experiência em que o leitor faz uso de determinado texto para reflexões teóricas e estéticas, contrair aptidões para uma formação cultural plena, fatores que vão construir o senso crítico que favorece o sujeito social transformador da sociedade.

Ainda discorrendo acerca da leitura, vale salientar que, para obtenção dos resultados positivos das práticas de desse exercício, devemos conhecer os diversos tipos de leituras: a mecânica, a de mundo e a crítica.

Sobre a leitura mecânica, ainda impregnada dentro da escola contemporânea, pode-se declarar que “[...] consiste na habilidade de decifrar códigos sinais. Isto é leitura? Sem dúvida, isto é mas é o seu nível mais elementar, e não é esse tipo de leitura que temos em mente quando pensamos em leitura na escola.” (SILVA, 2009, p. 23)

A leitura mecânica, infelizmente, predomina o exercício de leituras nas práticas pedagógicas nas aulas de Língua Portuguesa. Decodificar códigos, apenas, torna o aluno um analfabeto funcional, situação que as escolas almejam erradicar, porém acolhe sistematicamente no seu fazer pedagógico. Sobre a leitura de mundo, continua Silva:

Outra forma de leitura é o que Paulo Freire denominou leitura de mundo. Diferente da leitura mecânica, a de mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. Com sua habilidade de ler o mundo, permiti-nos, por exemplo, identificar significados nas modulações das ilustrações e textos, perceber intenções do autor de um texto. (SILVA, 2009, p. 23)

A leitura de mundo tende a largar o conhecimento dos leitores. Isso só é possível, graças à temporalidade que é investida nesse tipo de leitura, isto é, na proporção que lemos literatura estética ou de informação, vemos ou ouvimos mensagens transmissoras de conhecimento, estamos trabalhando nossa mente a deter imensuráveis dados cognitivos que se transformam em saberes sobre o mundo (pessoas, lugares, situações), os quais se acumulam durante a trajetória de nossa vida.

Por último, temos a leitura crítica, que é caracterizada por mesclas da leitura mecânica e de mundo:

[...] numa postura avaliativa, perspicaz, tenta descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras já feitas, questionando, tirando conclusões. [...] para ser capaz de fazer tal leitura, é preciso estar com todo o conhecimento – a bagagem cultural – a postos. (IDEM)

A leitura crítica é resultado de uma gama de aprendizagens, pois, para tanto requer um indivíduo aculturado, instruído. Em outras palavras, a leitura

crítica só é presumível caso o sujeito esteja preparado para opinar, comparar, tirar conclusões diante do que lê, ouve e ver. Desta feita, a leitura de mundo é fundamental para ser um leitor crítico.

Espera-se que os alunos, no Ensino Médio, já tenha assumido a postura do leitor crítico, fato que, raramente acontecem nas escolas brasileiras.

3 A historicidade dos tipos de leitores

A escola e leitura caminham juntas nos tempos mis remotos. Vale ressaltar que, embora exista uma sequência temporal no aparecimento de cada um dos tipos de leitores, isso não significa que um elimina o outro: eles se complementam, o que torna o processo educativo muito mais rico.

3.1 O leitor contemplativo (Meditativo)

Essa modalidade de leitor é evidenciada a partir do século XVI, caracterizada pela leitura solitária e silenciosa. Há uma clara intimidade entre e o sujeito que lê e sua literatura que pode ser de diversos gêneros. Há aqui certo retiro pessoal, observa-se reserva de um espaço especial para esse leitor. Conforme Santaella (2013, p. 268):

É uma leitura essencialmente contemplativa, concentrada, que pode ser suspensa, imaginativamente para a meditação e que privilegia processos de pensamento caracterizados pela abstração e a conceitualização [...] Esse tipo de leitor tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis e manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras.

A autora enfatiza que o leitor contemplativo possui certas vantagens no que diz respeito a ter melhores possibilidades de concentração e de meditação que são fatores importantes para o desenvolvimento do intelecto. Ainda tem o privilégio escolher um espaço particular para a leitura de objetos manuseáveis (seja na escola, em casa ou fora desses ambientes mencionados).

O leitor contemplativo ou meditativo desprende de aptidões singulares, ele não precisa de auxílio do outro. Sua leitura é isolada silenciosa e paulatina, pois, depende dele a sequência de sua leitura. Ser responsável pela leitura proporciona a capacidade de ler e reler inúmeras vezes e da forma que melhor lhe agrada, sem restrições, sendo que, “a leitura silenciosa criou possibilidade de ler textos mais complexos.” (Chartier, 1999, p. 24)

O leitor contemplativo pode ser notado nos grupos sociais como as instituições de ensino. Numa escada, num banco ou numa biblioteca escolar. E mais: dentro da própria sala de aula podemos presenciar esse estereótipo de leitor. Por isso a necessidade de detectá-lo para enxergar nele um real leitor aplicado, responsável, promissor de avanços cognitivos e intelectuais.

2.2 O Leitor Movente (Fragmentado)

O leitor movente é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem na multidão, andando, correndo, pegando condução, sem deixar de estar lendo uma revista em mãos, pode parar momentaneamente, ora para ler um anúncio num *outdoor* eletrônico, ora para uma propaganda exibida em uma casa comercial, ele é, portanto, leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. Sobre esse novo momento da história humana, Santaella (2013, p. 269) declara que:

[...] as coisas se fragmentam sob efeito da velocidade, do transitório, do excessivo e da instabilidade que marcam o psiquismo humano com a exacerbção dos estímulos e atenção nervosa. Nesse ambiente nasceu o segundo tipo de leitor, que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, que passa com igual velocidade de um estado fixo para um móvel.

Conforme a autora, diferente do leitor contemplativo, o leitor movente é dinâmico e se vale de novas leituras: além de leituras impressas, ele agora possui a dinâmica das mídias oferecidas pela televisão, por exemplo, e outros incentivos linguísticos. Isso porque esse leitor nasceu também com a explosão do jornal, com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema, e manteve suas características básicas quando se deu o advento da revolução eletrônica.

De fato, ao analisar o leitor movente, levamos em conta a estrutura do senso-motricidade, na aceleração da percepção, no ritmo da atenção, flutuando entre a distração e a intensidade da penetração no instante perspectivo, que contextualiza o leitor movente.

Esse leitor está amplamente conectado com várias leituras dentro da sua distração, de seus vários espaços e de massificada companhia, fatores que também difere do leitor contemplativo, que está sempre compenetrado na sua leitura, na quietude do ambiente e no seu estar solitário. O movente tende a estar sincronizado com a dinâmica do mundo moderno (SANTAELLA, 2013).

Embora haja diferenças entre esses dois tipos de leitores explicitados, vale ressaltar que o leitor movente não deixa de ter seus aspectos positivos. Ele consegue praticar leituras diversas em tempo reduzido, o que acarreta mais conhecimento. Quanto mais conhecimento, mais crítico de sua realidade torna-se o leitor. Com suas atividades características, o leitor movente preparou o caminho do leitor imersivo.

2.3 O Leitor Imersivo (Virtual)

O leitor imersivo é o leitor da era atual. Ele introduz um estereótipo de ler que resulta em habilidades muito diferentes daquelas que são empregadas pelo leitor de leituras impressas que seguem as sequências de um livro página a página, manuseando volumes, isto é, o leitor contemplativo.

Ainda assim, são habilidades também distintas daquelas agregadas pelo receptor de textos e imagem ou expectador de cinema, televisão (leitor movente). O leitor imersivo é o leitor das novas e grandes redes de computadores. Ele representa a geração do futuro dos jovens e da digitalização, em conformidade com Santaella (2013).

Antes de tudo, esse leitor pratica pelo menos quatro estratégias de navegação. Alguns estudiosos retratam o modelo de leitor imersivo com suas particularidades de leitor da era da tecnologia:

- a) escanear a tela, cobrindo uma larga superfície não linear sem profundidade de campo;
- b) navegar, seguindo pistas até que o alvo seja encontrado;
- c) buscar, ou seja, esforçar-se para encontrar o alvo preciso;
- d) explorar em profundidade, chegar até o nível de informação, mas especializada. (SANTAELLA apud Canter *et al*; 1985, p. 93-102).

O leitor imersivo está mais inclinado à informação tecnológica, principalmente após a popularização da internet no início dos anos 1990 quando o computador se firmou como um meio de comunicação de massa e desenvolveu características e comportamentos diferentes daqueles apresentados em outros meios, como as leituras impressas e as imagens, demandando assim nesta nova classificação: o leitor imersivo.

2.4 O leitor ubíquo

A partir do leitor imersivo apresentado acima, nasceu o leitor ubíquo, onde o mesmo apresenta uma mistura de características em os demais leitores.

Porém, trata-se do encontro predominante do leitor movente com o leitor imersivo. Isso ocorreu no início da década de 2000, em conformidade com Santaella (2013).

Antes de entrarmos nas caracterizações do leitor ubíquo, vamos apresentar noções de ubiquidade:

[...] o que interessa é perceber que a ubiquidade se refere a sistemas computacionais de pequeno porte, e até mesmo invisíveis, que se fazem presentes nos ambientes e que podem ser transportados de um lugar a outro. É essa ideia de estar sempre presente em qualquer tempo e lugar que interessa levar para a caracterização do leitor ubíquo, uma nova condição de leitura e de cognição que está fadada a trazer enormes desafios para a educação, desafios que estamos apenas começando a vislumbrar (SANTAELLA, 2013, p. 278)

Segundo a autora, os dispositivos da informação, especialmente, os aparelhos de telefones móveis oportunizam o leitor ubíquo a estar continuamente interconectados e conectados, fazendo com que estejam presentes em lugares e tempos diferenciados por meio das leituras oferecidas em escala imensurável via meios de sistema computacionais.

A autora ainda alerta que esse modelo de leitor vem trazer para a sociedade educacional provocações no sentido de a educação estar ou não preparada para ofertar um ensino de leituras favoráveis para o leitor ubíquo, pois este se revela com uma condição de aquisição de leitura e conhecimentos bem diferentes dos leitores de eras passadas. Trata-se de um grande desafio e as escolas ainda estão engatinhando para superá-lo.

Tanto o leitor movente quanto o leitor ubíquo herdaram a capacidade de ler e transitar entre formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos, direções, traços, cores, luzes que se acendem e se apagam, enfim, esse leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se ao nomadismo próprio da aceleração e agitação do mundo no qual circula em carros, transportes coletivos e velozmente a pé (SANTAELLA, 2013).

A aprendizagem ubíqua é de uma informalidade ilustre. Ela é espontânea, contingente, caótica e fragmentada. Mas tem suas sutilezas nos modos de agir no campo da educação. A diversidade, a prontidão, a praticidade favorecem o leitor e a aprendizagem. Dentro dessa informalidade, a aprendizagem ubíqua apresenta potencial e limites próprios fazendo com que o processo educativo fique muito mais rico.

É por isso que, mesmo diante da emergência da aprendizagem ubíqua, a educação não pode recusar da experiência pessoal tangível e da

conversação face a face, tão substancial nos processos educativos (Santaella, 2013, p. 306). A autora ainda esclarece que, mesmo com o aparecimento desse novo leitor, isso não quer dizer que os demais venham desaparecerem. Em qualquer ambiente educativo, podemos nos deparar com todos os tipos de leitores aqui apresentados.

Discussões

Diante da sociedade contemporânea, observamos que a cada dia o crescimento e a importância da leitura para educação. Segundo Charmeux (2000), a capacidade de leitura determina o sucesso escolar, profissional, bem como a liberdade e autonomia do cidadão. Dessa forma, a importância dada à leitura na atualidade difere muito da realidade vivida em alguns anos. Na verdade, nota-se que a necessidade do ato de ler cresce à medida que ascende também a necessidade de informação da sociedade.

É fundamental e importante que a educação procure despertar, desenvolver e fortalecer o hábito da leitura no aluno, de diversas formas. Dentro do espaço escolar é necessário que o docente desenvolva a leitura de várias formas, utilizando os gêneros textuais como: notícia de jornais, internet, contos, revistas e e-mails, para que o aluno possa conhecer e participar efetivamente desses conhecimentos.

O sistema educacional deve procurar conhecer os tipos de leitores (contemplativo, movente, imersivo e ubíquo) que estão inseridos nas suas escolas e quais os caminhos que irão traçar para garantir que esses leitores, com características próprias, adquiram conhecimentos de acordo com seus respectivos modelos de leitura.

Alguns pesquisadores, como Charmeux (2000) e Alleinde e Condemarim (2005), fazem vários comentários com relação à capacidade e compreensão leitora e o êxito ou fracasso escolar. Esses pesquisadores revelam que bons leitores tem maior facilidade na solução de problemas e mostram-se críticos diante da realidade que os cerca. O hábito de leitura, seja qual for o tipo de leitor, resulta em um alargamento de visão de mundo, tornando-o apto para criticar com propriedade a realidade que o cerca.

A vida dos nossos leitores, no século XXI, está marcada, cada vez mais, pela leitura de imagens e palavras que têm como suporte a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, etc., o que provoca novas

maneiras de ser leitor e escritor e novas formas de estar, compreender e interferir neste mundo marcado pela cultura tecnológica. O mundo convida-nos a realizar um tipo de leitura que se torna impossível no suporte do papel, mas também não discrimina nenhum tipo de leitor, como os representados abaixo:

Figura 1 – Representação imagética leitor contemplativo



Fonte: <http://herdeirosdapromessa1.blogspot.com.br/2010/04/oraçãomeditativa>. Acessado em 08 mai 2018.

Figura 2 – Representação Imagética Leitor Movente

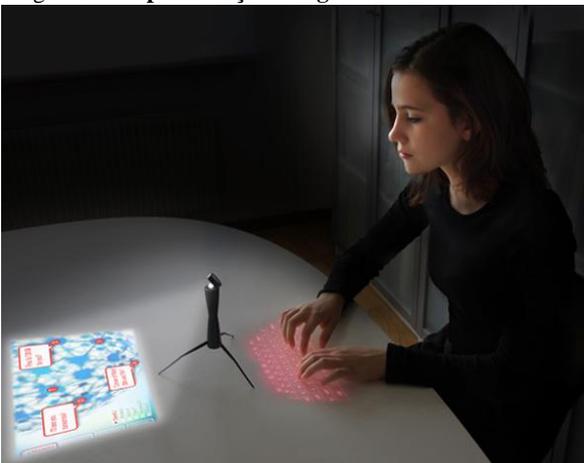
Leitor Movente



Leitor apressado, leitura de jornal, revista, imagem, TV, cinema, fotografia

Fonte: arquivos.suporte.ueg.br Acessado em 08 mai 2018.

Figura 3 – Representação Imagética Leitor Imersivo



Fonte: <http://PT.slideshare.net/tipos-de-leitor> acessado em 08 mai 2018

Figura 4 – Representação Imagética Leitor Ubíquo



Fonte: <http://PT.slideshare.net/tipos-de-leitor> acessado em 08 mai 2018

Seguindo essa corrente de pensamento, a educação precisa ter um olhar mais reflexivo e tomada de atitudes para equilibrar suas concepções e a presença dos novos tipos de leitores, especialmente, os imersivos e ubíquos, pois as leituras são tratadas de maneira informatizada. Isso significa que os desafios educacionais são muito mais complexos do que se pode mensurar. A incorporação das tecnologias no âmbito do

processo de ensino e aprendizagem é ainda tímida. É necessário ter o domínio dos meios informatização para ter atributos suficientes a fim de utilizá-los na área de leitura como ferramenta que venha a expandir os conhecimentos dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber a importância do ato de ler. A leitura segue sendo a principal forma de construir opiniões próprias, e ter um embasamento necessário para toda e qualquer atividade, tanto escolar como no cotidiano e na área profissional. Vale ressaltar que a leitura pode ser um ato prazeroso, mas também pode ser forte instrumento de aprendizagem. Por isso a leitura está ligada à construção do senso crítico e da forma como o indivíduo se porta diante do mundo em que vive.

A leitura é uma ferramenta essencial para o ser humano, seja ela de qualquer gênero. O leitor, que possui o hábito de leitura, mas especificamente, o discente, está mais apto a aprender e desenvolver suas atividades. As variedades dos leitores (contemplativo, movente, imersivo e ubíquo) não são meros decifradores de textos e imagens. Eles não estão apenas conectados e interconectados no mundo digital. Seus predicados vão além disso. Eles estão propensos a decifrar sua realidade, pois é a leitura que contribuirá para formulação do seu senso crítico.

Dessa forma, podemos notar que o sistema de educação ainda não conseguiu entender na sua totalidade esses tipos de leitores e, portanto, ainda não obteve sucesso em aprendizagens que envolvem leituras. Os leitores precisam de facilitadores na escola engajados com esses saberes e com as novas tecnologias para propiciar aos leitores um ensino significativo.

Cabe à educação enfrentar um grande desafio que se coloca na escola: promover essa relação entre tipos de leitores e boa educação. Hoje o leitor do século XXI se enquadra no mundo do ciberespaço, onde também nos aponta novas formas de apropriação dos novos saberes, como internet, livros impressos por exemplos. Ou seja, os leitores podem navegar no oceano da informação e de conhecimentos disponíveis em diversas redes disponíveis do sistema de computação, bem como qualquer texto impresso.

Portanto, vale alertar que cada tipo de leitor deve ser respeitado e suas habilidades e formas de leituras ser levadas em consideração no que tange às

propostas de ensino da rede educacional. As escolas devem ter um olhar inclinado para as práticas de leituras dentro e fora do espaço escolar. Porque o que importa são as aprendizagens granjeadas pelo hábito de ler. Também a leitura nos dias atuais nunca foi tão conveniente pelo fato de a leitura hoje estar tão próxima das pessoas pelas facilidades para encontrá-la. Por último, a leitura nunca foi tão urgente, pois a realidade social pede leitores providos de senso crítico. E essa criticidade é constituída pela prática de leitura.

REFERÊNCIAS

ALLIEND, F e CONDEMARIN. M. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento.** Trad. de Ernani Rosa. 8. de. Porto Alegre: Artmed. 2005.

ARAÚJO, Maria José de Azevedo et al. **Leitura e interpretação textual: caminhos para a aquisição do conhecimento.** Nov de 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/leitura-e-interpretacao-textual/27730>. Acessado em 22 mai 2018.

BIGNOTTO, Celza Carlos. O computador e a leitura “natural”. In: **Leitura: Teoria & Prática.** Associação de Leitura do Brasil – nº 32. Dez. (1998) – Campinas. SP: Porto Alegre: Mercado Aberto. 1998.

BORBA, Francisco S. (orgs). Dicionário UNESP do português contemporâneo. 1ª ed. – Curitiba: Piá, 2011.

CHARMEUX: E. **Aprender a ler. Vencendo fracasso.** Trad. de Maria José do Amaral Ferreira. 5. ed. São Paulo: Cortez. 2000.

CHARTIER, Roger (1997) **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

KLEIMAN, Angela B. MORAES, **Silvia E. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** 7ª ed. – Campinas, SP: Mercado de letras, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. Comunicação **Ubíqua: Repercussão na cultura e na educação.** Editora Paulus. São Paulo, 2013. (Coleção Comunicação).

SILVA. Vera Maria T. **Leitura literária e outras leituras: impasses e alternativas no trabalho do professor.** 1ª ed. – Belo Horizonte, MG: RHJ Editora, 2009.